

Muito prazer

JORGE DUPAN

O 44º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro tem a história cravada na cinematografia nacional, como a mais tradicional e importante mostra do país, dona de um público crítico, jovem e engajado. Mas se alguém fosse contar a história da vida privada desse grande evento, certamente teria que reservar um capítulo a Jorge Dupan, performer que durante anos alimentou os bastidores com alegria contagiante, vestido de personagens deslumbrantes e sempre com uma cesta de pão caseiro por perto. Agora, sem a maquiagem e o figurino, ele circula atento na Praça de Alimentação do Cine Brasília e sonha com o dia em que todos chegaram ali fantasiados num encontro lúdico. "Estimulo sempre que as pessoas cheguem assim, como eu cheguei um dia."



» SÉRGIO MAGGIO
» JOSÉ CARLOS VIEIRA

O que define Jorge Dupan hoje?

O amor que as pessoas têm que ter umas pelas outras. As pessoas precisam ter mais amor pelas outras. O mundo é cruel, por isso chega de falar mal do Brasil. Aprendi com Cássia Eller que se deve sorrir para todos. Dizer "oi" (durante a entrevista, ele interrompe diversas vezes o bate-papo para cumprimentar quem passa diante dele no sofá). Como não dizer "oi" para uma pessoa desta (refere-se a Dad Squarisi, colunista e editora de *Opinião do Correio*)? Gracinha! Então, tem que cumprimentar, tem que ter respeito, reciprocidade, camaradagem. É isso aí... Sou um monólogo e vou dizendo "oi" por três horas.

Você performático é um multiartista?

Sou um multipão (risos). Legal saber que sou multiplicador. Ver as pessoas dentro do festival vestindo as suas roupas. Neste ano, tinha umas meninas ótimas de pijamas. Um rapaz bacana sendo performático. Não gosto de ser chamado de "number one".

De onde veio o Dupan?

Eu já estava dançando com a Lenora Lobo na Alaya Cia. de Dança. Levava pão para comer na aula. Aí, uma guria experimentou e adorou. Fiz um tanto para ele e um monte de gente viu e passou a comprar. Aí, nasceu Jorge Dupan. Faço rosca, faço brioche, mas ficou Jorge Dupan.

Antes era como?

Jorge, só Jorge (risos).

Como e quando surgiu a ideia de ir ao Festival de Brasília defendendo uma personagem?

O primeiro foi em 1989. Tinha os shows do Concerto Cabeças. Fui com um macacão de estrela com capa, criado pelo Wagner Hermuche e dado pela Maura Baiochi. Coloquei um óculos escrito "oPte!" e fui vender pão. Sobraram uns 20 e alguém sugeriu que eu viesse para o Cine Brasília. Já vendia no Jogo de Cena, na Feira de Música, no Cabeças e não é fácil. Você faz o pão, produz o figurino, segura a personagem, tem que ser paciente com a onda do povo te enchendo o saco, vai vender, pegar o troco, atender bem. É punk. Então vim assim mesmo e, quando cheguei, a Luiza Dornas me viu, adorou, colocou-me para dentro e me patrocinou pelo

tempo em que ela durou na Secretaria de Cultura.

E hoje a Secretaria de Cultura o ajuda?

Sempre tem uns três ou quatro que fazem de tudo para me ajudar. Mas aí vem a "Cuca" e bloqueia tudo. A "Bruxa do Oeste" também me atrapalha. Ah, tinha o "Coelhinho", mas este foi embora, graças!

Como era a concorrência com a Praça de Alimentação?

Não tinha nada. Tinha um saquinho que as pessoas ficavam ali. Cheguei ali de patins numa época em que a Isabelita ainda estava na Argentina dentro do saco do Papai Noel. O festival era em setembro, como agora.

Quando surgiu a vontade de ser bailarino?

Tinha uma emissora chamada Rede Globo que, em 1975, exibia um jornal-revista chamado *Fantástico*. Vi um povo se desvelando com as mãos e cantando: "Olhe bem preste atenção/Nada na mão, nesta também". Vi ali música e dança e me encantei, como eu sou: fino, franco fresco e filtrado. Mas aprendi a dançar vendo a leveza de Kazuo Ono. Ele me ensinou, aquele cara lento e languído.

Como é dançar aos 45 anos?

É mostrar que se tem qualidade de movimento. É muito fácil passar por aqui fazendo barulho, mas Pelé é Pelé. Tem que ter esse tempero. E tem mais uma coisa: para dizer que samba, tem que sambar muito.

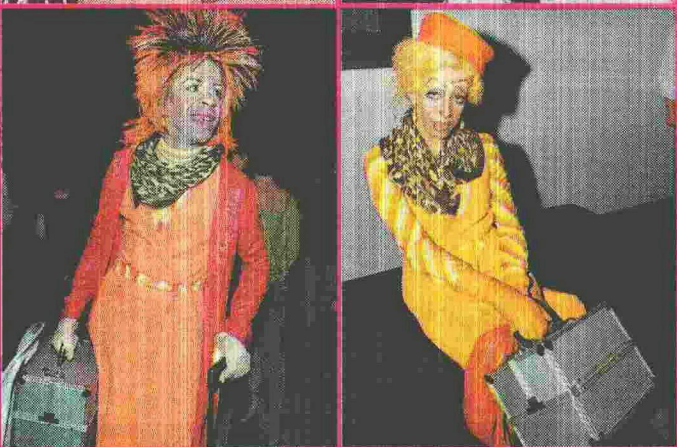
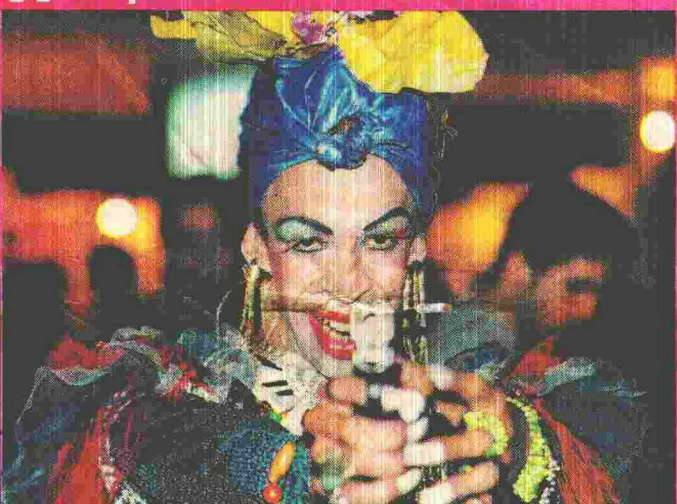
Você ficou com medo de virar um folclore?

Não. Porque isso não vem de mim. Vem da recepção. É legal, quando alguém chega com o filho e diz que comeu o meu pão. A minha memória para o cliente funciona. Lembro exatamente o pão que cada um comia.

Você está gostando desta edição do festival?

Tenho uma crítica para fazer. Todo ano tem essa coisa rocambo de colocar Orquestra Sinfônica para tocar por 40 minutos um

» Na passarela do festival



clássico antes de tocar um rock, como foi neste ano com *Eduardo e Mônica*, da Legião Urbana. Antes de um rock, têm que vir outros. E depois vai todo mundo para festa para ouvir o quê? As mesmas músicas da trilha do filme *Rock Brasília*. O que acontece com essas pessoas que organizam isso?

Ali, na Praça de Alimentação, você conheceu muitos artistas. Quem o cativou?

Antes do festival, sempre Cássia Eller, com toda a timidez do mundo, mesmo botando o peito para fora. Mas tenho um enorme carinho pelo Chico Diaz, Maria Zilda e Zezé Motta. Deborah Seco é uma luz, linda e irradiante.

Quais foram as suas grandes personagens no Festival de Brasília?

Morena Morreu (dita com sotaque americano), uma Marilyn Monroe invertida de cabeça para baixo, essa fez muito sucesso. Minhas personagens nunca foram um rascunho. Sempre tinha uma paródia. Sou pop! A Chapeuzinho Vermelho era a Camufladinha. Ela jurava que estava fugindo e vestida de verde. O problema dela é que era daltônica. Eu prefiro a comissária de bordo, Hélice, que chegava oferecendo suco e refrigerante. Dizia: "Sou uma sereia nas alturas", ali, só no peitão.

Você despertava olhares...

Uma vez estava de Morticia e de costas, com aquele vestido preto e cabelos longos. Aí, o produtor J. Pingo viu aquela "mulher" e ficou impressionado. Quando virei, disse "oi" com a minha voz grossa, porque a personagem é só a imagem do meu trabalho. Surpresa geral.

Já teve grandes amores no festival?

Não. Vender pão dá muito trabalho. Mas agora tem um amor afermentando nesta edição.

Está rolando um boato na cidade de que você comprou uma máquina automática de fazer pão.

Deve ser por isso que parei de vender (risos).

Algum momento marcante no festival?

(Pausa e ele começa a chorar). Teve uma edição em que eu fui premiado ao subir ao palco do Cine Brasília e ser aplaudido. Tinha cantado uma versão de Dorothy (*Mágico de Oz*) para Fernanda Montenegro e Sérgio Mamberti. Estava feliz. Mas, no dia seguinte, minha irmã morreu. Eu dedico o espaço desta entrevista para ela, minha irmã.

Se você fosse o organizador do Festival de Brasília, o que faria?

Obrigaria todos a irem bem-vestidos. Faria também uma festa à fantasia. As pessoas também teriam que dar "bom-dia", "boa tarde" e "boa noite". Ah... e manteria o festival sempre nas manhãs, tardes e noites de setembro.

A educação é muito importante para você?

Claro, as pessoas estão mais mal-educadas, no tratamento diário, no trânsito. Falta respeito. Os ataques pessoais. O preconceito: "É preto, é mala". Acompanho tudo no festival e vejo que tem gente que quer aparecer mais do que trabalhar. Eu não vou mais competir vendendo pão numa praça de alimentação com tantas opções. Então saio, mesmo quando tive um bar ali, para a área externa e como religiosamente meu acarajé na baiana, porque gosto de pimenta, gosto de dendê. E só nós temos o dendê.

Uma saudade?

Teve um festival que o Grande Othello veio. Em seguida, ele viajou para a França e eu fiz uma viagem com o grupo Alaya. Lá, descobri que ele tinha morrido. As pessoas me perguntam por que não faço Charles Chaplin nem Grande Othello. Engraçado, um preto e um branco que são tão próximos quanto figuras que expressam a felicidade cênica. Não sei...

Quando você começou a dançar na Alaya Cia. de Dança?

Em 1986, Leonora Lobo voltou de Londres e tinha "um borbulhar do gênio", frase de Castro Alves que adoro. Ela veio com as técnicas de Klaus Vianna e queria ensinar a cada um, com uma gentileza sem tamanho. Foi lindo. Ano passado, fizemos um trabalho que me deixou no centro. Eu, sempre aquele menino que fazia a aula afobado, cheio de energia, senti uma sustentabilidade, um eixo.